

A tríade da Praça do Saldanha

ANDREIA BRITO SILVA

Nos anos cinquenta do século XX, a cidade de Lisboa fervilhava com produções culturais para todos os gostos, não obstante a intensa ação da censura sobre as mesmas. O público, ávido de eventos que o fizessem distrair do quotidiano, procurava espetáculos para entretenimento e que não o obrigasse a profundas reflexões. Neste contexto é incontornável falar sobre um triângulo cujos vértices são indissociáveis. Laura Alves – Vasco Morgado – Teatro Monumental.

Vasco Morgado começou a sua carreira artística com pequenos papéis nos filmes portugueses dos anos 40, entre eles *O Pai Tirano* (1941), com Vasco Santana e Ribeirinho e *Capas Negras* (1947), protagonizado por Amália Rodrigues. Assumidamente ator de fraco talento, tornou-se empresário teatral de numerosos atores em muitos dos espaços teatrais em Lisboa e foi um dos grandes dinamizadores do teatro português na segunda metade do século XX. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, Vasco Morgado esteve à frente de variadas produções, levadas à cena no Teatro Monumental, que ajudaram a redefinir a cena teatral da capital. Com um sentido apurado do gosto popular e uma visão estratégica de mercado cultural, Morgado conseguiu reunir nas suas produções um elenco de artistas de primeira linha, dos quais Laura Alves foi, sem dúvida, a maior vedeta. O empresário soube combinar a tradição com a inovação, transformando o teatro num produto atrativo para um público cada vez mais vasto e diversificado. Vasco Morgado, como homem de teatro que era e como empresário com inúmeras casas de espetáculo para gerir, recorria à publicidade em larga escala para que o nome da artista saísse regularmente nos anúncios ao Teatro Monumental. A imprensa acompanhava diariamente os espetáculos com estratégias de *marketing* que se tornaram apanágio do empresário que foi muitas vezes

acusado de exploração excessiva ao nome da atriz. É facto que Vasco Morgado destacava a atriz para as suas maiores e mais arrojadas produções.



Exemplo das estratégias de publicidade usadas por Vasco Morgado para a divulgação dos espetáculos do Teatro Monumental. Autor desconhecido, c. 1967 (Cortesia - espólio Vasco André Morgado)

Por seu lado, Laura Alves tornou-se o principal rosto das produções de Vasco Morgado no Teatro Monumental. Com uma carreira que começou ainda na década de 1930, Laura Alves destacou-se pela sua versatilidade, transitando com naturalidade entre a comédia, o drama e o teatro musical. Em colaboração com Vasco Morgado, a atriz protagonizou muitas das produções de maior sucesso no Monumental e foi reconhecida por alguns críticos e colegas como uma das maiores atrizes do teatro português do século XX. Era elogiada pela capacidade de desempenhar uma ampla gama de papéis, desde personagens cómicas até figuras dramáticas e complexas. A crítica, ou

pelo menos parte dela, valorizava a sua destreza em manter a naturalidade em qualquer registo, evidenciando o domínio técnico e expressivo da atriz. Realçava também a sua capacidade de estabelecer uma conexão imediata com o público e a sua facilidade no domínio do palco, arrancando risos e aplausos espontâneos.



Laura Alves no espetáculo de Shakespeare *A fera amansada*. Fotografia: Bourdain de Macedo; c. 1952 (Cortesia – espólio Vasco André Morgado)

Embora fosse uma atriz popular e muito associada ao teatro comercial e de revista, Laura Alves não deixou de procurar textos clássicos e personagens mais densas, mas era nas produções voltadas para o entretenimento popular que o seu valor era reconhecido. A vedeta tinha uma certa facilidade em trabalhar as nuances emocionais, o que enriquecia as suas personagens e conferia profundidade aos papéis que

desempenhava. Os seus colegas referem que Laura Alves humanizava as personagens que interpretava com uma intuição artística rara. Mesmo nos papéis cómicos ou caricaturais, ela trazia uma dimensão humana, criando uma proximidade com o público que, em muitos casos, transcendia o próprio texto da peça. Laura permaneceu ativa por décadas, enfrentando as adversidades do mercado teatral com uma dedicação inabalável. Essa longevidade foi vista como um claro sinal do seu compromisso com o ofício – algo que lhe granjeou o respeito de críticos e colegas de profissão. Durante o Estado Novo, destacou-se como uma figura que, embora não desafiasse diretamente o regime, conseguiu navegar com sucesso e agilidade num ambiente político hostil e perigoso, oferecendo ao público momentos de escape e de subtil resistência através da sátira e do humor.

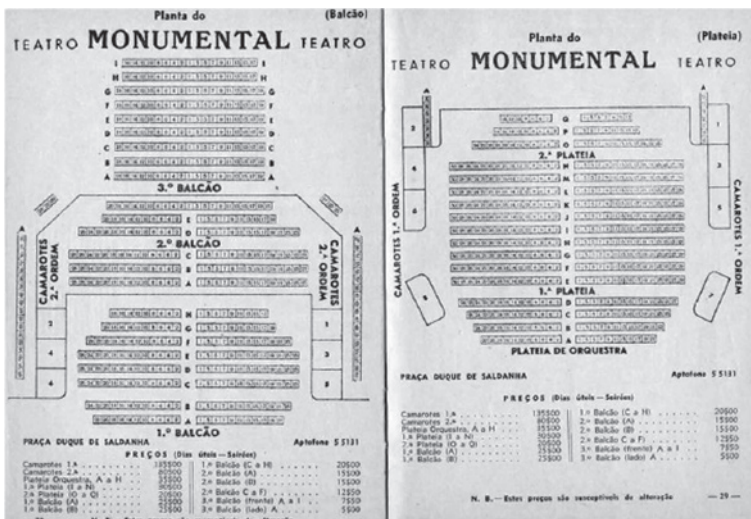
A parceria de Laura Alves com Vasco Morgado no Teatro Monumental foi vista como uma síntese do melhor que o teatro comercial português tinha para oferecer naquela época.

O Monumental, por seu turno, representou um marco significativo na história das artes cénicas e da arquitetura em Portugal. Inaugurado em novembro de 1951, foi concebido como um espaço multifuncional, que incluía não só uma sala de teatro, mas também um cinema e outras áreas de entretenimento, tornando-se rapidamente num dos polos culturais mais vibrantes da capital. O edifício refletia a estética modernista, muito cara ao Estado Novo, caracterizada pelo uso de formas geométricas simples e pela ausência de ornamentos excessivos. A fachada principal era marcada por uma longa marquise, com altas janelas envidraçadas, que enfatizava a horizontalidade da obra, conferindo-lhe uma presença imponente na praça.

O seu interior, mais opulento, foi projetado para acolher grandes audiências. A sala de espetáculos apresentava uma estrutura em anfiteatro, garantindo uma boa visibilidade a partir de qualquer ponto. O design interior priorizava o conforto e a acústica, com uma estética que refletia a sofisticação que se impunha à época.



Interior do Teatro Monumental (Cortesia – espólio Vasco André Morgado)



Planta do Teatro Monumental (Cortesia – espólio Vasco André Morgado)

Além do teatro e cinema, o edifício incluía outras áreas de convívio, cafés e zonas de lazer, promovendo uma experiência abrangente e completa para o público lisboeta. Esse caráter multifuncional antecipava tendências de arquitetura urbana que se tornariam comuns nas décadas seguintes, em que os espaços culturais se transformavam em centros de convivência e lazer.



Café no interior do Teatro Monumental. Autor desconhecido, s/d.
(Cortesia – espólio Vasco André Morgado)

A programação do Teatro Monumental refletia uma estratégia que conciliava a popularidade com uma certa preocupação artística. O teatro também acolheu representações de obras clássicas e dramas contemporâneos, oferecendo uma programação diversificada orientada para a captação de públicos variados. Este espaço tornou-se um ponto de encontro para o público em geral, funcionando como um símbolo de modernidade e cosmopolitismo. Durante as décadas de 1950 e 1960, o Monumental foi assim central na consolidação de um modelo de

teatro comercial em Portugal, marcado pela aposta em grandes produções, cenários elaborados e elencos renomados.

Num contexto político e social marcado pela repressão, o teatro assumiu também um papel de resistência, oferecendo ao público momentos de evasão e, não raras vezes, de crítica velada ao regime. Foi naquele palco que Laura Alves foi a *Rainha do Ferro-velho* (1958), *Margarida da Rua* (1960), *Criada para todo o serviço* (1961) e *Gata em Telhado de Zinco Quente* (1959). Laura Alves foi a primeira atriz portuguesa a representar Tennessee Williams nos palcos portugueses, sob a encenação de António Pedro, apenas um ano depois da estreia do filme com Elizabeth Taylor no papel da protagonista. O realismo e a sensualidade que a atriz imprimiu à personagem renderam-lhe curiosas apreciações da Censura aquando do ensaio geral do espetáculo:

A cena em que Maggie despe lentamente as meias, sentada no «canapé» ao mesmo tempo que levanta a combinação de uma forma inconveniente não deve ser representada de frente para o público, até porque não é o público que ela pretende seduzir, mas sim o marido.¹

Também não impressionou o crítico Urbano Tavares Rodrigues que na sua publicação *Noites de Teatro* descreveu como um espetáculo que não esteve à altura do que era esperado.²

Apesar do seu sucesso, o Teatro Monumental e a parceria entre Vasco Morgado e Laura Alves não estiveram isentos de dificuldades. Os elevados custos de produção de muitos dos espetáculos, aliado às limitações impostas pela censura e à instabilidade económica, representavam desafios constantes. Ainda assim, a capacidade de Vasco Morgado para atrair

1 Processo do Secretariado Nacional de Informação, Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos, n.º 5888, do ANTT

2 Cf. *Noites de Teatro*, Lisboa, Ática, 1961, pp. 201-206.

públicos diversos e gerir uma programação variada permitiu que o Monumental se mantivesse, durante três décadas, como um espaço de referência no panorama das noites lisboetas.

O declínio do Teatro Monumental começou a fazer-se sentir a partir da década de 1970, à medida que as dinâmicas culturais e os hábitos de consumo se alteravam. A revolução de 25 de Abril de 1974 trouxe mudanças sociais e políticas que influenciaram, de diferentes formas, as companhias teatrais, enquanto a crescente popularidade da televisão e a diversificação da oferta tinham trazido novas dinâmicas culturais e reduziram a procura por espetáculos ao vivo. A ascensão desses novos meios de entretenimento acabou por enfraquecer também o modelo empresarial que sustentava o Monumental. O nome de Laura Alves, em grande destaque nos cartazes, continuava a atrair o público persistente que se habituou a vê-la desenvolta no palco. No entanto, o advento da revolução trouxe dissabores a esta tríade que foi, não raras vezes, associada ao antigo regime, nomeadamente o empresário, que se viu ostracizado pelos mesmos que se faziam próximos quando precisavam de lhe pedir trabalho. A crítica começou a ser mais implacável em relação ao trabalho de Laura. A atriz teve no escritor Carlos Porto um dos seus mais fervorosos críticos. Pouco do que a dupla fizesse estaria a seu contento.

A morte de Morgado, em 1978, marcou profundamente Laura Alves, que viu desaparecer não só o seu companheiro de vida, mas também o grande dinamizador da sua carreira. No ano seguinte, Laura Alves casou-se com o maestro Frederico Valério e continuou a trabalhar, desta feita com o filho como seu empresário, sendo uma presença constante no teatro português até 1982, ano da morte do maestro e de visível fragilidade da atriz. Em 1983 fez a sua última aparição no Teatro Monumental com o espetáculo *Pai precisa-se*. Já com a saúde visivelmente debilitada, a precisar do auxílio de inúmeros pontos espalhados pelo palco para que não se esquecesse do seu texto, suscitou o pesar dos seus admiradores. «Foi triste saber que a minha avó, que sabia sempre o texto de todos os atores

de cor, acabou por se tornar incapaz de decorar o dela.», conta Vasco Morgado, neto.



Programa do espetáculo *Pai precisa-se*, no Teatro Monumental, 1983
(Cortesia – espólio Vasco André Morgado)

O início da demolição do Monumental deu-se no ano seguinte e prolongou-se por longos e penosos meses, sob uma onda de fortes e aguçadas contestações e críticas ao executivo camarário de Nuno Krus Abecassis. A destruição do Monumental simbolizou, para muitos, o fim de uma época do teatro comercial em Lisboa e para Laura Alves, possivelmente, o fim de uma vida.

Os últimos anos da atriz foram assim marcados por uma série de dissabores difíceis de suportar. Laura Alves faleceu a

6 de maio de 1986, aos 64 anos. Em homenagens póstumas, continuou a reconhecer-se a importância do legado de Laura Alves para o teatro português, sendo muitas vezes lembrada como uma das poucas atrizes que conseguiram conciliar a popularidade com a excelência artística.

A visão empresarial de Morgado, aliada ao talento de Laura Alves, fez do Monumental não apenas um espaço de entretenimento, mas também um símbolo cultural de uma classe e de uma época. O desaparecimento do Teatro Monumental foi amplamente lamentado e apontado como uma perda irreparável para o patrimônio cultural da cidade. A sua demolição determinou o fim de um certo teatro comercial que refletia as transformações de uma sociedade em transição.

Embora hoje restem apenas lembranças, cada vez mais desvanecidas, daquele tempo, o legado dessas figuras permanece na memória coletiva e na história do teatro em Portugal.